

**GOVERNO DO ESTADO DO PIAUÍ
UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ – UESPI
CAMPUS “Drª. JOSEFINA DEMES”
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS PORTUGÊS**

VERUSCA CONCEIÇÃO SOUSA PEREIRA

A IDENTIDADE AFRO-BRASILEIRA NA LITERATURA: uma análise dos contos “Olhos d’água”, “Ana Davenga” e “Maria”, de Conceição Evaristo

FLORIANO, PI

2024

P436i Pereira, Verusca Conceição Sousa.

A identidade afro-brasileira: uma análise dos contos "Olhos dágua", "Ana Davenga" e "Maria", de Conceição Evaristo / Verusca Conceição Sousa Pereira. - 2024.

48 f.

Monografia (graduação) - Universidade Estadual do Piauí - UESPI, Licenciatura em Plena Letras - Português, Campus Dra. Josefina Demes, Floriano-PI, 2024.

"Orientadora: Prof.^a Ma. Lívia Maria da Costa Carvalho".

1. Mulheres Negras. 2. Literatura Brasileira. 3. Identidade Afro-brasileira. 4. Análise Literária. 5. Brito, Maria da Conceição Evaristo de. I. Carvalho, Lívia Maria da Costa . II. Título.

CDD 801.95

VERUSCA CONCEIÇÃO SOUSA PEREIRA

A IDENTIDADE AFRO-BRASILEIRA NA LITERATURA: uma análise dos contos “Olhos d’água”, “Ana Davenga” e “Maria”, de Conceição Evaristo

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado à Universidade Estadual do Piauí-UESPI Campus Doutora Josefina Demes, com requisito para obtenção do título de graduação em licenciatura plena em Letras/português.

Orientador: Ma. Lívia Maria da Costa Carvalho.

FLORIANO, PI

2024

VERUSCA CONCEIÇÃO SOUSA PEREIRA

A IDENTIDADE AFRO-BRASILEIRA NA LITERATURA: uma análise dos contos “Olhos d’água”, “Ana Davenga” e “Maria”, de Conceição Evaristo

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado à Universidade Estadual do Piauí-UESPI Campus Doutora Josefina Demes, com requisito para obtenção do título de graduação em licenciatura plena em Letras/português.

Orientador: Ma. Lívia Maria da Costa Carvalho.

Aprovado em: ____ / ____ / ____

Nota: _____

BANCA EXAMINADORA

Dedico este trabalho aos pilares mais importantes da minha jornada acadêmica e pessoal: aos meus queridos pais que, mesmo tendo pouco, me deram tudo.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, a Deus, pela minha vida, e por me ajudar a ultrapassar todos os obstáculos encontrados ao longo do curso. À toda minha família, pelo seu apoio inabalável ao longo desta jornada, em especial...

Aos meus pais, Gerivaldo (Kadu) e Maria Gorete, por todo amor, apoio e sacrifícios que fizeram para me proporcionar a oportunidade de realizar este sonho, a dedicação de ambos e incentivo foram fundamentais para que eu alcançasse esse momento, que Deus os abençoe abundantemente por tudo que fizeram e fazem por mim. Essa conquista também é de vocês!

Aos meus irmãos, Matheus e Valeska, gostaria de expressar minha imensa gratidão por todo o apoio e ajuda durante minha jornada acadêmica.

A meu namorado e amigo, Everson Henrique, por sua paciência, encorajamento e por compartilhar este momento especial comigo.

A minha querida professora e orientadora, Lívia Maria, responsável pelos meus aprendizados em Literatura, os quais levarei sempre comigo. Obrigada por me orientar neste trabalho.

A todos que de certa forma contribuíram com a construção e realização de um sonho.

Muito obrigada!

RESUMO

Este estudo tem como objetivo analisar a inserção da mulher negra no mercado de trabalho brasileiro por meio das representações literárias presentes nos contos Olhos d'água, Ana Davenga e Maria, de Conceição Evaristo. A pesquisa busca entender como os textos da autora abordam os desafios e as formas de resistência das mulheres negras no ambiente de trabalho, levando em consideração as particularidades da identidade afro-brasileira. A análise também pretende explorar como essas representações literárias ajudam a refletir sobre as condições sociais e históricas que influenciam a vivência da mulher negra no Brasil. A pesquisa adota uma abordagem qualitativa e interpretativa, focada na análise literária dos contos escolhidos, com o objetivo de compreender como a mulher negra é retratada no contexto laboral e como suas questões identitárias são representadas. Os resultados mostram que as narrativas de Evaristo oferecem um retrato vívido das lutas, conquistas e da resiliência das mulheres negras diante das dificuldades. Os contos provocam uma reflexão sobre raça, gênero, identidade e justiça social, apresentando uma visão profunda e empática dessa realidade. A conclusão do trabalho destaca a importância das histórias de Evaristo como ferramentas de transformação social. As narrativas não só documentam as lutas e vitórias das mulheres negras, mas também promovem a valorização de suas vivências, contribuindo para a construção de uma sociedade mais justa e inclusiva. Ao celebrar a diversidade e a humanidade de suas personagens, Evaristo reafirma a relevância da voz das mulheres afro-brasileiras na construção da narrativa coletiva do Brasil.

Palavras-Chave: mulher negra; literatura brasileira; Conceição Evaristo; identidade afro-brasileira; representação literária.

ABSTRACT

This study aims to analyze the insertion of Black women in the Brazilian labor market through the literary representations present in the short stories Olhos d'água, Ana Davenga, and Maria by Conceição Evaristo. The research seeks to understand how the author's texts address the challenges and forms of resistance of Black women in the workplace, considering the specificities of Afro-Brazilian identity. The analysis also aims to explore how these literary representations help reflect on the social and historical conditions that influence the lived experiences of Black women in Brazil. The study adopts a qualitative and interpretative approach, focused on the literary analysis of the selected short stories, with the goal of understanding how Black women are portrayed in the labor context and how their identity issues are represented. The results show that Evaristo's narratives offer a vivid portrayal of the struggles, achievements, and resilience of Black women in the face of adversity. The stories provoke reflection on race, gender, identity, and social justice, providing a deep and empathetic view of this reality. The conclusion emphasizes the importance of Evaristo's stories as tools for social transformation. The narratives not only document the struggles and victories of Black women but also promote the valorization of their experiences, contributing to the construction of a more just and inclusive society. By celebrating the diversity and humanity of her characters, Evaristo reaffirms the relevance of the voices of Afro-Brazilian women in shaping Brazil's collective narrative.

Keywords: black Woman; brazilian literature; Conceição Evaristo; afro-brazilian identity; literary representation.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	8
2 O CONTEXTO HISTÓRICO DO NEGRO NO BRASIL.....	10
3 A INSERÇÃO DA MULHER NO MERCADO DE TRABALHO: Um enfoque na literatura brasileira	12
3.1 A representação das mulheres negras na literatura nacional	15
4. O LIVRO “OLHOS D’ÁGUA”/CONCEIÇÃO EVARISTO: CONCEPÇÃO DA MULHER NEGRA	18
4.1 Estudo do Conto “Olhos d’Água”.....	18
4.1.1 Ancestralidade e a Importância das Yabás.....	19
4.1.2 A Valorização das Mulheres Negras.....	20
4.1.3 Estética Poética e Resistência.....	20
4.1.4 Análise final	21
4.2 Estudo do conto “ANA DAVENGA”	21
4.2.1 Contexto e Relações.....	23
4.2.2 A Complexidade de Ana	23
4.2.3 Simbolismos e Metáforas.....	26
4.2.4 Interseccionalidade e Resistência.....	27
4.2.5 Análise final	31
4.3 O estudo do conto “MARIA”	32
4.3.1 Racismo, violência, maternidade e resistência.....	32
4.3.2 Resiliência de Maria.....	32
4.3.3 Identidade e Autoconfiança	33
4.3.4 Comunidade e Solidariedade.....	34
4.3.5 Narrativa e Personagens	36
4.3.5 Análise final	38
4.5 A LIVROS OLHOS D’ÁGUA: UMA NOVA FORMA DE REPRESENTAÇÃO DA MULHER NEGRA.....	38
5 CONCLUSÃO.....	42
REFERENCIAS.....	44

1 INTRODUÇÃO

Este estudo visa investigar a inserção da mulher negra no mercado de trabalho brasileiro a partir das representações literárias presentes nos contos "Olhos d'água", "Ana Davenga" e "Maria", de Conceição Evaristo. A problemática central é entender como a literatura, especialmente os contos da autora, revela os desafios e as estratégias de resistência das mulheres negras no contexto laboral, considerando as especificidades da identidade afro-brasileira. A análise busca, ainda, investigar como esses relatos literários contribuem para uma reflexão mais ampla sobre as condições históricas e sociais que moldam a experiência da mulher negra no Brasil.

A pesquisa adota uma abordagem qualitativa e interpretativa, baseada em uma análise literária dos contos selecionados de Conceição Evaristo, com o intuito de compreender as representações da mulher negra no mercado de trabalho e suas relações com questões identitárias. A metodologia se apoia na leitura crítica e reflexiva dos textos, utilizando como suporte teórico e autores como Karla Akotirene (interseccionalidade), Maria Alves (literatura negra feminina e existência), Sílvio Almeida (racismo estrutural), Patricia Hill Collins (feminismo negro e o conceito de "outsider within"), Verônica Toste Daflon, Flávio Carvalhaes e João Feres Júnior (percepções de discriminação cotidiana), Gabriela Bothrel Echeverria et al. (preconceito e desigualdades sociais no mercado de trabalho brasileiro) e bell hooks (teoria feminista negra). Além disso, será adotado o conceito de memória e ancestralidade a partir de autores como Conceição Evaristo (Olhos d'água), para compreender a forma como as personagens de Evaristo lidam com seu passado e sua herança cultural.

O primeiro capítulo explora o contexto histórico da população negra no Brasil, com ênfase nas condições estruturais e sociais que afetam a inserção da mulher negra no mercado de trabalho. Será discutido o legado da escravidão, a segregação racial e as barreiras socioeconômicas que ainda moldam as oportunidades de emprego para essa parcela da população. A análise também considerará a questão da educação e da mobilidade social, aspectos fundamentais para entender como as mulheres negras são, muitas vezes,

excluídas das melhores condições de trabalho e relegadas a posições de subalternidade. Para isso, será utilizada a obra de autores como Florestan Fernandes, que discute a marginalização histórica dos negros no Brasil, e Gledson Andrade, que analisa o impacto das desigualdades sociais nas trajetórias das mulheres negras.

No segundo capítulo, a análise volta para as representações da mulher negra na literatura brasileira, especialmente nos contos de Conceição Evaristo. A autora tem se destacado por trazer à tona as complexidades da experiência da mulher negra, abordando temas como resistência, superação e a luta por identidade em um contexto de opressão. Ao examinar os contos "Olhos d'água," "Ana Davenga" e "Maria," será possível identificar como Evaristo representa a mulher negra no mercado de trabalho, além de explorar os aspectos de resiliência e força dessas personagens. A teoria de Stuart Hall sobre identidade e representação será central para compreender como essas personagens lidam com as múltiplas camadas de identidade, enquanto as ideias de Lélia Gonzalez sobre o lugar da mulher negra na sociedade serão fundamentais para situar as personagens no contexto social e cultural do Brasil. A interseccionalidade, conforme abordada por Karla Akotirene, também será uma ferramenta importante para analisar como as questões de gênero, raça e classe se entrelaçam nas narrativas da autora.

O terceiro capítulo tem como foco a construção da identidade da mulher afro-brasileira, a partir das experiências narradas nos contos de Evaristo. Será analisada a relação dessas personagens com sua ancestralidade, como elemento de fortalecimento e resistência. A memória coletiva, um conceito presente na obra de Pierre Nora, será utilizada para entender como a herança cultural afro-brasileira contribui para o empoderamento dessas mulheres. Além disso, será discutida a importância da autoafirmação na construção de uma identidade que resiste à imposição de normas hegemônicas. Achille Mbembe, com sua discussão sobre a pós-colonialidade e as formas de resistência, servirá como uma base teórica para refletir sobre o impacto da história colonial e escravocrata nas experiências das mulheres negras, especialmente no que tange ao seu papel na sociedade e no mercado de trabalho.

2 O CONTEXTO HISTÓRICO DO NEGRO NO BRASIL

Neste capítulo, será explorado o cenário histórico dos negros no Brasil, com foco no período da abolição da escravatura em 1888. Contudo, para compreender a relevância desse marco, é fundamental situá-lo dentro de um contexto mais amplo, que abrange a resistência histórica dos negros ao longo dos séculos, bem como suas contribuições culturais e sociais para a formação da sociedade brasileira. A abolição não foi apenas um acontecimento isolado, mas sim resultado de uma extensa batalha pela liberdade e pelos direitos humanos.

O envolvimento das mulheres negras nesse processo é uma parte fundamental frequentemente subestimada. Desde os levantes de escravizado até o ativismo abolicionista, as mulheres tiveram funções importantes, liderando protestos e mantendo vivas tradições culturais. Elas não apenas enfrentaram a opressão com bravura, mas também influenciaram as histórias que ainda ecoam na sociedade brasileira atual (Gomes, 2017).

Por fim, ao discutir as consequências da abolição, é essencial destacar que a liberdade alcançada não resultou em igualdade efetiva para os negros. O racismo e a exclusão racial persistiram, demandando a adoção de novas estratégias de luta. Neste cenário, o trabalho busca apresentar uma panorâmica abrangente que capacite o público para os debates posteriores, em particular sobre a produção literária e cultural das mulheres negras no contexto brasileiro (Baraldi, 2015).

As mudanças sociais, culturais e econômicas na trajetória do povo negro no Brasil foram significativas, sobretudo após a abolição da escravatura em 13 de maio de 1888. No entanto, é fundamental contextualizar esse marco histórico dentro de um panorama mais abrangente que engloba a resistência e os feitos dos negros ao longo dos séculos, além da participação fundamental das mulheres nesse cenário (Carneiro, 2011; Silva, 2013).

A abolição da escravidão no Brasil foi um acontecimento crucial na batalha pela liberdade e respeito aos negros, porém não significou o fim das lutas. Nos anos que antecederam a abolição, houve um aumento do movimento

abolicionista, com a participação de diferentes segmentos da sociedade. A ativa participação de homens e mulheres negros, muitas vezes em condições desfavoráveis, foi essencial para o movimento. Além de personalidades como André Rebouças e Joaquim Nabuco, é importante ressaltar o papel fundamental desempenhado pelas mulheres, que organizaram manifestações, promoveram a educação e conscientizaram a população sobre a injustiça da escravidão (Hooks, 2015; Collins, 2016).

Antes da abolição da escravidão, os negros mostraram grande resistência à opressão de diversas formas. Desde as fugas em direção aos quilombos, onde se formavam comunidades autônomas, até as revoltas escravas, como a Revolta dos Malês em 1835, a luta pela liberdade era uma constante. As mulheres, em especial, desempenharam um papel fundamental nesses movimentos, atuando não só como líderes, mas também como combatentes. Elas não apenas resistiram à opressão, mas também foram responsáveis por preservar a cultura africana, transmitindo tradições, canções e saberes de uma geração para outra (Wolkmer, 2017).

A contribuição das mulheres negras na trajetória do Brasil é comumente ignorada, entretanto, sua atuação foi fundamental em diferentes momentos históricos. Durante o período da escravidão, as mulheres não apenas enfrentavam as mesmas atrocidades que os homens, mas também eram vítimas de abusos sexuais e precisavam conciliar o trabalho nas residências dos senhores com suas tarefas nas comunidades em que viviam. Esse contexto deu origem a figuras notáveis, incluindo Dandara dos Palmares, que se destacou ao lado de Zumbi na luta contra a escravidão (Baraldi, 2015).

Durante o período de transição em direção à abolição, as mulheres negras mantiveram-se atuantes como promotoras de transformação. Elas articularam e engajaram-se em iniciativas abolicionistas, ampliando o debate em torno de direitos e equidade. Após o término da escravidão, sem uma inclusão social e econômica efetiva, as mulheres negras empenharam-se em encontrar meios alternativos para sobreviver e progredir, exercendo funções essenciais nas emergentes comunidades urbanas (Wolkmer, 2017).

Após a abolição da escravatura, as perspectivas de liberdade e igualdade foram, em várias situações, desapontadas. A implementação da Lei Áurea não veio acompanhada de medidas de integração, e a comunidade negra passou a ser excluída em várias áreas. O racismo e a falta de recursos se tornaram obstáculos reais, que demandaram formas inovadoras de enfrentamento e batalha (Gomes, 2019).

Dessa forma, ao analisar a trajetória histórica do negro no território brasileiro, torna-se fundamental valorizar não apenas a influência da abolição da escravatura, mas também a importância das mulheres nesse enredo. A batalha por reconhecimento e respeito persiste, ressoando na literatura, na expressão artística e em diferentes iniciativas sociais empenhadas em resgatar a memória e a essência da comunidade negra no Brasil (Gomes, 2019).

3 A INSERÇÃO DA MULHER NO MERCADO DE TRABALHO: Um enfoque na literatura brasileira

A participação da mulher negra no mercado de trabalho no Brasil revela um cenário marcado por injustiças históricas, sociais e culturais. Desde o período da escravidão, quando eram forçadas a trabalhar em condições desumanas, até os dias atuais, as mulheres negras enfrentam desafios persistentes para conquistar independência financeira e obter respeito no ambiente profissional (Adiche, 2015; Almeida, 2018; Afonso, 2019).

Com a libertação dos escravos em 1888, a esperança era de que as mulheres negras pudessem finalmente alcançar a liberdade e novas oportunidades. No entanto, a realidade se mostrou muito diferente. A ausência de políticas públicas eficazes e de suporte para a inclusão dessas mulheres no mercado de trabalho resultou em uma constante marginalização. Muitas delas foram limitadas a ocupações precárias, como o trabalho doméstico, em um sistema que mantinha a exploração e a submissão. Até os dias atuais, uma grande parte das trabalhadoras domésticas no Brasil são mulheres negras, o que demonstra a persistência de um ciclo de desigualdade (Adiche, 2015; Almeida, 2018; Afonso, 2019).

Os desafios que essas mulheres encaram ultrapassam a esfera econômica. A discriminação racial e de gênero se entrelaçam, estabelecendo obstáculos que dificultam a obtenção de oportunidades melhores. Pesquisas apontam que mulheres negras têm menos probabilidade de serem empregadas em comparação com mulheres brancas, mesmo quando possuem níveis educacionais semelhantes. Esse cenário não apenas afeta suas condições de vida, mas também contribui para a perpetuação de um ciclo de pobreza entre as gerações (Bento, 2000; Araujo, 2001; Cacciamali, 2016).

Dentro desse cenário de enfrentamento e perseverança, a literatura nacional tem desempenhado um papel fundamental ao ser um espaço onde as vozes e as vivências das mulheres negras são ouvidas e apreciadas com respeito. Escritoras como Carolina Maria de Jesus e Conceição Evaristo são exemplos de como a literatura pode retratar a realidade de opressão e a luta pela dignidade (Dulce, 2019).

A literatura brasileira desempenha um papel crucial na formação de representações femininas, especialmente em relação à mulher negra, que, historicamente, foi excluída das narrativas hegemônicas. Com o trabalho de escritoras como Conceição Evaristo, surgem novas perspectivas sobre a mulher negra, enfatizando sua luta, resiliência e capacidade de transformação, especialmente em relação ao seu papel no mercado de trabalho. As personagens femininas nas histórias de Evaristo, como Maria, são ricas em nuances, retratando a variedade de vivências das mulheres negras no Brasil. Ao abordar a temática da mulher no ambiente de trabalho, a autora promove uma nova apreciação do papel feminino na sociedade, sublinhando suas contribuições, desafios e, acima de tudo, sua força.

Em "Maria", um dos contos mais significativos da coletânea "Olhos d'água", Conceição Evaristo apresenta uma protagonista que, mesmo inserida em um cenário de pobreza e opressão, demonstra uma notável resistência. Maria é uma trabalhadora envolvida em tarefas cotidianas, cujas atividades expressam sua determinação e a luta pela vida. O seu labor, embora desafiador e frequentemente não reconhecido, é mostrado não como um peso, mas como uma forma de autoafirmação e resistência frente às dificuldades. Com essa representação, Evaristo sugere uma nova perspectiva sobre a mulher que

trabalha, rompendo com os estereótipos convencionais que frequentemente a relegam a papéis menores ou passivos. Maria é uma mulher que, apesar dos obstáculos que enfrenta, não se percebe como uma vítima, mas como a protagonista de sua própria história.

A ênfase na mulher que trabalha e sua busca por autonomia representa uma das mais significativas contribuições da obra de Evaristo: a criação de um espaço para o reconhecimento da luta das mulheres negras. No conto "Maria", a protagonista não é definida por sua situação de pobreza ou pelas dificuldades que enfrenta, mas sim pela sua habilidade de modificar sua realidade, seja através do trabalho ou da força de sua personalidade. A figura da mulher negra que labuta, presente nas narrativas de Evaristo, ressignifica a narrativa convencional e desafia as expectativas que marginalizam as mulheres negras no Brasil, proporcionando-lhes voz, visibilidade e, acima de tudo, dignidade.

No contexto mais amplo da literatura brasileira, a produção de Conceição Evaristo se destaca ao trazer uma nova perspectiva sobre a presença da mulher negra no ambiente profissional. Sua obra desafia as convenções sociais que criam barreiras e hierarquias fundamentadas em gênero, raça e classe social. As protagonistas femininas que Evaristo apresenta são símbolos de luta e resistência, capazes de enfrentar as diversas opressões e afirmar sua identidade e seu espaço no mundo. Em síntese, os escritos de Evaristo não apenas retratam as dificuldades que a mulher negra encontra no mercado de trabalho, mas também colaboram para estabelecer uma nova imagem dessa mulher, caracterizada por sua força, protagonismo e, principalmente, maior visibilidade na sociedade brasileira.

Conceição Evaristo, em seus textos, investiga a intersecção entre raça, classe e gênero. Em suas narrativas e poesias, ela representa a realidade de mulheres que, mesmo diante de desafios, buscam maneiras de resistir e se fortalecer. Seu trabalho não apenas relata as barreiras enfrentadas, mas também enaltece a cultura, identidade e poder da mulher negra. Dessa forma, a literatura se transforma em um espaço de resistência e valorização, onde as vozes historicamente caladas são finalmente ouvidas e valorizadas.

Hoje em dia, apesar do crescente número de mulheres negras atuando em diferentes setores, os obstáculos ainda persistem. Por isso, ações que incentivam o desenvolvimento de habilidades, a educação e o empreendedorismo se tornam fundamentais para garantir a igualdade de oportunidades (Antunes, 2024).

A batalha por direitos e chances para as mulheres negras no ambiente de trabalho é ainda um tema crucial na sociedade brasileira. A literatura, ao apresentar suas vivências e desafios, não só ajuda a tornar essas experiências mais visíveis, mas também promove um debate mais abrangente sobre equidade e justiça social. O reconhecimento e a apreciação das vozes das mulheres negras são etapas essenciais para a construção de um amanhã mais inclusivo e justo, onde todas tenham acesso igual às mesmas oportunidades e direitos (Antunes, 2024).

A participação da mulher negra no mercado de emprego se mostra como uma luta constante, onde a batalha pela valorização e respeito se mistura com as histórias contadas na literatura, que almejam modificar cenários e motivar transformações (Antunes, 2024).

3.1 A representação das mulheres negras na literatura nacional

A imagem das mulheres negras na literatura nacional tem sido historicamente marcada por desafios e lacunas, mas ao longo do tempo tem havido um progresso significativo na inclusão e na diversidade de vozes (Triviño, 2008). Aqui, serão destacadas algumas formas de como as mulheres negras têm sido representadas na literatura brasileira, sendo essas: Estereótipos e representações negativas; histórias de resistência buscando o empoderamento; discorrendo sobre temas sociais, trazendo diversidades de vozes e experiências e por fim, revelando a cultura e identidade afro-brasileira (Santos, 2014).

As representações negativas, a literatura, dentre outras questões, aborda que historicamente, as mulheres negras foram frequentemente retratadas de maneira estereotipada e negativa na literatura brasileira, sendo relegadas a papéis secundários e caricaturais. Elas eram muitas vezes representadas como

empregadas domésticas, mulheres hipersexualizadas ou como figuras exóticas (Sales, 2009; Mesquita, 2011).

Em relação a resistência e empoderamento, muitos autores contemporâneos têm desafiado esses estereótipos e oferecido representações mais complexas e humanizadas das mulheres negras. Suas obras destacam a resistência, a resiliência e o empoderamento das mulheres negras, mostrando-as como protagonistas de suas próprias histórias (Figueiredo, 2020).

Em relação a exploração de temas sociais, muitos escritores têm abordado questões relevantes para as mulheres negras, como racismo, discriminação, machismo, pobreza e violência. Suas obras oferecem uma reflexão profunda sobre as experiências e desafios enfrentados por elas em uma sociedade ainda marcada por desigualdades estruturais (Brookshaw, 1983).

Destaca-se que a diversidade de vozes e experiências, apontam que a literatura nacional tem se enriquecido com uma maior diversidade de vozes e experiências de mulheres negras (Souza, 2001). Escritoras como Conceição Evaristo, Carolina Maria de Jesus, Elisa Lucinda, Djamila Ribeiro, entre outras, têm contribuído significativamente para essa diversidade, oferecendo perspectivas únicas e autênticas sobre a vida das mulheres negras no Brasil.

Por fim, ao celebrar a cultura e a identidade, muitos escritores destacam a riqueza da cultura e a importância da valorização da identidade negra. Suas obras exploram mitos, tradições, rituais e histórias da diáspora africana, contribuindo para uma maior compreensão e apreciação da herança cultural africana no Brasil (Precioso, 2023).

Em suma, a representação das mulheres negras na literatura nacional tem evoluído ao longo do tempo, passando de estereótipos limitados para retratos mais complexos, autênticos e inclusivos. Essa evolução reflete não apenas uma mudança na forma como as mulheres negras são percebidas e representadas, mas também uma maior conscientização sobre as questões de raça, gênero e identidade no Brasil (Fagundes, 2019; Almeida, 2021).

É preciso destacar que, o espaço da literatura é predominantemente ocupado pela elite branca e masculina, o que resultou em uma exclusão

sistemática de vozes femininas, especialmente de classes sociais menos privilegiadas, sendo “um instrumento de manutenção da ordem social e simbólica” (Hall, 2016, p. 192). Por conta disso, trazer o discurso de na literatura, perpassa por diferentes problemáticas que advém principalmente de barreiras sociais e econômicas, estereótipos e papéis de gênero, censura e silenciamento e negação do reconhecimento.

As barreiras sociais e econômicas, apontam para as mulheres, especialmente aquelas pertencentes a grupos racialmente marginalizados, as barreiras sociais e econômicas que as impediam de acessar a educação formal e os meios de publicação. Isso as excluía do mundo da literatura e limitava seu potencial criativo (Alves, 2021). No que toca aos estereótipos e papéis de gênero, essa temática se refere a mulheres que eram frequentemente relegadas a papéis de cuidadoras e mantenedoras do lar, o que limitava seu tempo e oportunidades para se dedicarem à escrita e à expressão artística. Além disso, os estereótipos de gênero as retratavam como intelectualmente inferiores aos homens, reforçando a ideia de que a literatura era um domínio masculino (Duarte, 2002; Conceição, 2005).

A censura e silenciamento, reflete as mulheres que conseguiram superar essas barreiras muitas vezes enfrentavam essas questões por parte da sociedade e das instituições dominantes. Suas obras podiam ser desvalorizadas, ignoradas ou até mesmo proibidas de circular, especialmente se desafiassem as normas de gênero e raça estabelecidas. Isso reflete também para a negação de reconhecimento (Fitz, 1997). Mesmo quando as mulheres conseguiram escrever e publicar, seu trabalho muitas vezes não recebia o reconhecimento e a visibilidade merecidos. Críticos e acadêmicos tendiam a privilegiar escritores homens e a marginalizar ou ignorar as contribuições das mulheres para a literatura (Salgueiro, 2001; Vieira, 2005).

No entanto, apesar desses desafios, muitas mulheres negras, encontraram maneiras de resistir e de se fazerem ouvir. Elas escreviam em diários, em cartas, em periódicos femininos e em outros espaços alternativos, muitas vezes usando pseudônimos para proteger sua identidade. Além disso, algumas mulheres conseguiram estabelecer redes de apoio entre si, criando

comunidades literárias que as encorajavam e as empoderavam (Alves, 2002; Conceição, 2005).

4. LIVROS OLHOS D'ÁGUA: UMA NOVA FORMA DE REPRESENTAÇÃO DA MULHER NEGRA

Neste tópico serão analisados os contos “Olhos d’água”, “Ana Davenga” e “Maria”, que fazem parte da obra “Olhos d’água” de Conceição Evaristo. Esses contos foram escolhidos por sua profundidade em retratar as vivências, lutas e anseios das mulheres negras no Brasil contemporâneo. Cada narrativa oferece uma perspectiva única sobre as intersecções entre raça, gênero e classe, revelando a complexidade das experiências dessas mulheres em um contexto marcado por desigualdades.

“Olhos d’água” é um conto que explora a busca por identidade e a relação da protagonista com sua ancestralidade. Em “Ana Davenga”, a autora traz à tona questões de pertencimento e a luta pela dignidade em um mundo que marginaliza. “Maria” aborda o amor e a resistência em meio a adversidades. Através da análise dessas narrativas, buscaremos compreender como Evaristo constrói uma concepção multifacetada da mulher negra, enfatizando tanto suas vulnerabilidades quanto sua força e resiliência. Ao final, pretendemos destacar como essas histórias não apenas refletem a realidade das mulheres negras, mas também contribuem para a construção de uma nova narrativa, onde elas são protagonistas de suas próprias histórias.

4.1 Estudo do Conto “Olhos d’Água”

No conto homônimo da obra “Olhos d’Água”, Conceição Evaristo apresenta uma reflexão profunda sobre a vida das mulheres negras, enfatizando a importância de suas raízes ancestrais e a ressignificação da identidade. A protagonista, ao explorar suas memórias familiares, revela o peso da exclusão histórica que essas mulheres enfrentaram, ao mesmo tempo em que encontra força e inspiração nas figuras maternas que moldaram sua trajetória. Esta análise se concentra na maneira como a ancestralidade, as figuras femininas e a cultura afro-brasileira se entrelaçam, criando uma narrativa rica e multifacetada.

4.1.1 Ancestralidade e a Importância das Yabás

Mas eram tantas lágrimas, que me perguntei se minha mãe tinha olhos ou rios caudalosos sobre a face. É só então comprehendi. Minha mãe trazia, serenamente em si, águas correntezas. Por isso, prantos e prantos a enfeitar seu rosto. A cor dos olhos de minha mãe era cor de olhos d'água. Águas de Mamãe Oxum! Rios calmos, mas profundos e enganosos para quem contempla a vida apenas pela superfície. Sim, águas de Mamãe Oxum (Evaristo, 2017, p. 18-19).

A ancestralidade desempenha um papel crucial na construção da identidade da protagonista. Inspirada pelas mulheres que a precederam, ela reflete sobre o legado de suas mães, avós e tias. O conceito de Yabás, que se refere às divindades femininas no candomblé, é central nessa reflexão. As Yabás, como Oxum, senhora das águas, simbolizam não apenas a fertilidade e a beleza, mas também a força e a sabedoria acumuladas ao longo das gerações. Elas representam um elo vital entre o passado e o presente, e sua celebração na narrativa destaca a relevância da cultura afro-brasileira na formação da identidade da mulher negra.

A ancestralidade desempenha um papel crucial na construção da identidade da protagonista. Inspirada pelas mulheres que a precederam, ela reflete sobre o legado de suas mães, avós e tias. O conceito de "axé", que representa a energia vital e a força que circula entre os seres, é central nessa reflexão. As Yabás, como Oxum, senhora das águas, simbolizam não apenas a fertilidade e a beleza, mas também a força e a sabedoria acumuladas ao longo das gerações. Elas representam um elo vital entre o passado e o presente, e sua celebração na narrativa destaca a relevância da cultura afro-brasileira na formação da identidade da mulher negra (Rabelo, 2022).

Mas eu nunca esquecera a minha mãe. Reconhecia a importância dela na minha vida, não só dela, mas de minhas tias e de todas as mulheres de minha família. E também, já naquela época, eu entoava cantos de louvor a todas as nossas ancestrais, que desde a África vinham arando a terra da vida com suas próprias mãos, palavras e sangue. Não, eu não esqueço essas Senhoras, nossas Yabás, donas de tanta sabedoria. (Evaristo, 2014, p.18)

Teóricos como Rosinalda Côrrea Da Silva Simoni discutem a importância da ancestralidade na construção da identidade, enfatizando que a identidade é uma narrativa construída ao longo do tempo, tecida a partir de histórias passadas e presentes (Simoni, 2019). Essa ideia ressoa fortemente na experiência da

protagonista, que busca reconectar-se com suas origens e, assim, reescrever sua própria história.

4.1.2 A Valorização das Mulheres Negras

Evaristo, através de sua narrativa, propõe uma valorização matriarcal, destacando a força e a resiliência das mulheres negras que, historicamente, foram silenciadas. A personagem reflete sobre o olhar de sua mãe, marcado por lágrimas que simbolizam o sofrimento e a luta contínua. A passagem que menciona que “a cor dos olhos de minha mãe era cor de olhos d’água” (Evaristo, 2017, p. 18-19) é emblemática, pois traz à tona a profundidade emocional e a carga histórica que essas mulheres carregam. O olhar materno é, assim, uma representação das águas profundas da ancestralidade, que tanto acolhem quanto desafiam.

A narrativa celebra a força das Yabás e suas influências, reconhecendo que essas divindades não são meramente figuras coadjuvantes, mas sim protagonistas fundamentais na formação da identidade da mulher negra. Ao entoar cantos de louvor a suas ancestrais, a protagonista não só homenageia essas figuras espirituais, mas também reafirma seu compromisso com a preservação da memória coletiva, resgatando histórias e tradições que, ao longo do tempo, foram sistematicamente marginalizadas e muitas vezes relegadas ao esquecimento.

Através dessa reverência, ela reconstrói um elo profundo com as gerações passadas, fortalecendo seu senso de pertencimento e resistência. Ao integrar as sabedorias e vivências das Yabás em sua própria trajetória, ela encontra não apenas um vínculo com suas raízes, mas também uma fonte contínua de força e inspiração para enfrentar as adversidades do presente. A celebração das Yabás, portanto, vai além da reverência religiosa; é uma afirmação de identidade, um ato de resistência cultural e um resgate da dignidade ancestral.

4.1.3 Estética Poética e Resistência

A linguagem poética de Evaristo é fundamental para transmitir a profundidade das emoções e das experiências vividas pelas mulheres negras. A autora utiliza metáforas ligadas à natureza e à água, como no símbolo de Oxum, para expressar a complexidade da vida dessas mulheres. A ideia de que as “água de Mamãe Oxum” são “rios calmos, mas profundos e enganosos” sugere que, apesar das aparências, existe uma riqueza emocional e histórica que deve ser reconhecida (Evaristo, 2017, p. 19).

Além disso, o conto oferece uma crítica contundente às injustiças sociais e raciais, evidenciando que as narrativas das mulheres negras não podem mais ser silenciadas ou ignoradas. Ao contar suas histórias, Evaristo não apenas visibiliza essas experiências de marginalização, mas também cria um espaço de resistência, onde as vozes que foram historicamente abafadas encontram um meio de se expressar e reivindicar sua posição na sociedade.

A protagonista, inspirada pela força e resiliência de suas figuras maternas, torna-se um símbolo da luta contínua por dignidade, reconhecimento e justiça. Sua trajetória é uma metáfora da batalha diária das mulheres negras, que, apesar das múltiplas opressões que enfrentam, se erguem com coragem para desafiar os sistemas que tentam reduzir suas existências a estereótipos e invisibilidade. Ao resgatar a ancestralidade e a sabedoria das suas ancestrais, ela reafirma o poder das mulheres negras em suas múltiplas dimensões — como mães, guerreiras, intelectuais e líderes — e reitera que sua presença e contribuição são fundamentais para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária. Nesse sentido, o conto não é apenas uma reflexão sobre a luta das mulheres negras, mas também um chamado à ação, à conscientização e à transformação social.

4.1.4 Análise final

Conceição Evaristo apresenta uma narrativa profundamente rica e multifacetada, que explora a ancestralidade, a força das mulheres negras e a importância da memória, oferecendo um olhar renovado sobre a identidade dessas mulheres e suas trajetórias de resistência. Ao valorizar as Yabás e as tradições afro-brasileiras, a autora não só resgata histórias que foram

sistematicamente silenciadas, mas também proporciona uma nova perspectiva sobre as narrativas das mulheres negras, entrelaçando o passado com o presente de forma potente e reveladora.

Em passagens como "As Yabás são nossas mães. Elas são as forças que nos empurram para a vida, para a luta, para o amor", Evaristo sublinha o poder transformador das divindades femininas do Candomblé, associando-as à força ancestral que sustenta e impulsiona as mulheres negras em sua busca por dignidade e reconhecimento. A autora, com sua escrita poética e evocativa, não apenas celebra a beleza e sabedoria das Yabás, mas também revela o papel crucial que elas desempenham na construção da identidade e resistência das protagonistas negras.

Através de uma linguagem que mistura elementos líricos e cotidianos, Evaristo convida os leitores a refletirem sobre as complexidades das experiências das mulheres negras. Ela nos apresenta uma protagonista cuja jornada de autodescoberta e fortalecimento é iluminada pela sabedoria ancestral, como evidenciado em passagens como "As histórias de minha mãe, de minha avó, são como mapas que me guiam para os caminhos da resistência". Esses fragmentos da narrativa convidam os leitores a reconhecerem as histórias que, por muito tempo, foram invisibilizadas, mas que, ao serem contadas, trazem à tona uma história de luta, resiliência e, acima de tudo, de afirmação de identidade.

Essa obra se torna, portanto, um chamado urgente à valorização e ao reconhecimento das narrativas afro-brasileiras, destacando a importância de honrar as heranças culturais que não apenas moldam a identidade da mulher negra, mas também sustentam sua luta contínua por justiça e equidade. Ao trazer à tona as vivências e os saberes das mulheres negras, Evaristo nos lembra que a resistência começa no reconhecimento e na preservação dessas histórias, fundamentais para a construção de uma sociedade mais inclusiva e justa.

4.2 Estudo do conto “ANA DAVENGA”

O conto "Ana Davenga", escrito por Conceição Evaristo, mergulha nas complexidades da experiência afro-brasileira, abordando temas como racismo, feminilidade e resistência. A protagonista, Ana Davenga, é uma mulher negra que se vê à margem da sociedade, lutando para encontrar sua identidade e voz em um ambiente que a subestima constantemente.

4.2.1 Contexto e Relações

Ana se apaixonou por Davena, um ladrão envolvido em um mundo de crimes, e escolheu viver com ele na favela. Sua vida é marcada pela agitação e pela necessidade de se adaptar a um ambiente perigoso, onde a violência é uma constante. Evaristo usa uma linguagem poética para criar uma atmosfera sensorial que ilustra tanto a vida interior de Ana quanto seu contexto exterior, convidando o leitor a refletir sobre a intersecção de raça, gênero e classe.

As batidas na porta ecoaram como um prenúncio de samba. O coração de Ana Davenga naquela quase meia – noite, tão aflito, apaziguou um pouco. Tudo era paz então, uma relativa paz. Deu um salto da cama e abriu a porta. Todos entraram, menos o seu. Os homens cercaram Ana Davenga (Evaristo, 2016, p. 20)

A descrição da chegada dos homens à casa de Ana, comparada a uma “comemoração de samba”, sugere a tensão entre a vida do crime e a busca por alegria e normalidade. O samba aqui simboliza não apenas o sucesso dos planos de Davega, mas também uma resistência cultural que se manifesta na celebração da vida, mesmo em meio a adversidades.

4.2.2 Ana

Ana é uma mulher complexa e multifacetada. Sua atração por Davenga é inicialmente baseada na cobiça por seu corpo, refletindo um estereótipo comum que reduz a mulher negra a um objeto sexual. No entanto, à medida que a narrativa avança, a relação deles se torna mais profunda, revelando o desejo de Ana por uma vida mais significativa, apesar dos riscos que isso implica. No entanto, é importante destacar que a princípio Davena, não estava apaixonado por Ana, ele sentia desejo pelo seu corpo, suas curvas. Essa cobiça pelo corpo da mulher negra, reproduz a ideia de que a mulher negra é um objeto sexual,

reforçando a ideia de que a mulher negra é apenas um corpo e não há nada a mais para oferecer.

No dia que Davenga viu Ana no Samba era uma madrugada pós assalto, Davenga estava atento a qualquer movimentação, mas, seus olhos estavam concentrados em Ana, Davenga mudou sua atenção para os movimentos e a dança da mulher. Ela lhe lembrava uma bailarina nua, tal qual a que ele viu um dia no filme de televisão (Evaristo, 2016, p. 25).

Neste trecho, somos introduzidos a um momento de grande impacto na vida do personagem Davenga, que é marcado por uma série de contrastes e reflexões. Primeiramente, a cena se desenrola em uma atmosfera de tensão, já que é descrita como uma "madrugada pós assalto", sugerindo um contexto urbano perigoso e caótico. Essa tensão é intensificada pela atenção de Davenga a qualquer movimento ao seu redor, indicando um ambiente de desconfiança e alerta constante.

No entanto, a narrativa muda de foco quando Davenga percebe a presença de Ana no samba. A descrição dela como uma "bailarina nua" evoca uma imagem de beleza e graciosidade, contrastando com o ambiente hostil e violento ao seu redor. Essa comparação também sugere uma sensação de vulnerabilidade, já que Ana está dançando em um espaço público sem qualquer proteção física. A referência à bailarina nua que Davenga viu em um filme de televisão adiciona uma camada de complexidade à cena, sugerindo uma conexão entre a experiência passada do personagem e o momento presente. Essa conexão pode representar um desejo de escapismo por parte de Davenga, que encontra na dança de Ana uma forma de transcendência temporária em meio à realidade sombria que o cerca.

Davenga, viveu até aquele momento em um ambiente negativo, com hostilidade, suas lembranças de boas mulheres estavam ligadas à sua própria família. E apesar de ter tido outras mulheres em sua vida, não conseguia mudar o seu ser. Um dos casos marcantes na vida de Davenga, foi o relacionamento com a jovem filha do pastor. Ela não assumia Davenga, alegando que não podia ficar com um “bandido”. Davenga não aceitou e ordenou o assassinato da moça. Isso, reproduz as inúmeras situações de feminicídio. Contudo, foi “agraciado” por Ana porque ela, se “apaixonou” por quem ele era.

Ana sabia bem qual era a atividade de seu homem. Sabia dos riscos que corria ao lado dele. Mas achava também que qualquer vida era um risco e o risco maior era o de não tentar viver (Evaristo, 2016, p. 26).

O amor de Ana era avassalador, a ponto de fechar os olhos e viver em uma situação totalmente perigosa. Ela, acreditava que valia a pena o risco. Como já foi dito, Ana, mulher negra era linda, com o corpo que chamava atenção e isso, fez com que, os “comparsas” de Davenga, não concordasse com a ida da moça para lá. Observa-se que isso gerou um ambiente perigoso para Ana.

Davenga comunicou a todos que aquela mulher ficaria com ele e nada mudaria. Ela era cega, surda e muda no que se referia a assuntos deles. Ele, entretanto, queria dizer mais uma coisa: qualquer um que bulisse com ela haveria de morrer sangrando nas mãos dele feito porco capado (Evaristo, 2016, p. 22).

Observa-se que Davenga assume uma postura dominante e protetora em relação a Ana. Ao comunicar a todos que Ana ficaria com ele e que nada mudaria, Davenga está estabelecendo sua autoridade e determinação em manter Ana ao seu lado, independentemente das circunstâncias. A descrição de Ana como "cega, surda e muda no que se referia a assuntos deles" sugere uma dinâmica de relacionamento desigual, onde Davenga detém o controle sobre a comunicação e as decisões relacionadas ao casal. Essa caracterização de Ana como incapaz de participar plenamente das conversas sobre o relacionamento sublinha sua posição de vulnerabilidade e dependência em relação a Davenga.

Outro ponto a destacar é, quando Davenga fala "qualquer um que bulisse com ela haveria de morrer sangrando nas mãos dele feito porco capado" revela a sua possessividade em relação a Ana. Essa ameaça sugere uma violência potencial contra qualquer um que tente interferir na relação entre Davenga e Ana, demonstrando uma mentalidade de defesa agressiva e determinada a preservar o controle sobre Ana.

Essa passagem reflete não apenas as dinâmicas de poder e controle dentro do relacionamento de Davenga e Ana, mas também lança luz sobre questões mais amplas de posse, proteção e violência dentro de relacionamentos abusivos. Através desse trecho, Conceição Evaristo apresenta uma reflexão provocativa sobre a natureza complexa e muitas vezes perturbadora dos relacionamentos humanos, especialmente em contextos de marginalização e opressão.

A dinâmica de poder entre Ana e Davenga é complexa: enquanto ele assume um papel de protetor, sua possessividade e ameaças revelam um relacionamento desigual e potencialmente abusivo. Ana, por sua vez, é ciente dos riscos que corre, mas ainda assim acredita que “qualquer vida era um risco” e vale a pena viver, refletindo sua busca por autodeterminação em um ambiente hostil.

4.2.3 Simbolismos e Metáforas

Nos contos, são utilizados simbolismos e metáforas para enriquecer a narrativa, trazendo camadas de significado que amplificam a experiência da protagonista. Elementos naturais, como tempestades e flores, representam os estágios da vida de Ana, marcados por transformações e ciclos. A comparação com o samba é particularmente rica, pois ilustra sua jornada de forma vívida, refletindo os altos e baixos que ela vive. O samba, nesse contexto, não é apenas uma dança ou música, mas um símbolo da vida de Ana, que é repleta de momentos de celebração e dor, resistência e alegria. O samba se torna, assim, uma metáfora da luta contínua das mulheres negras por visibilidade, respeito e igualdade, um movimento constante que carrega em si tanto a resistência quanto a celebração da identidade e da cultura.

A concepção de símbolo utilizada aqui segue a ideia de que o símbolo é um objeto, imagem ou elemento que, ao representar algo além de seu significado literal, carrega em si um conjunto de valores e significados culturais, históricos e emocionais. O símbolo transcende sua forma imediata e se torna uma ponte entre o concreto e o abstrato, sendo capaz de evocar ideias, emoções e reflexões mais profundas. No caso do samba, ele vai além de um estilo musical e se configura como um símbolo da vivência das mulheres negras e de sua luta por reconhecimento e dignidade (Almeida, 2023).

Estava com sede, queria água e deu – lhe um sorriso mais profundo ainda. Davenga se emocionou lembrou da mãe, das irmãs, das tias, das primas e até da avó, a velha Isolina. Daquelas mulheres todas que ele não viu fazia muitos anos, desde que começara a varar o mundo (Evaristo, 2016, p. 26).

Davenga conheceu Ana em uma roda de Samba, ela estava ali, faceira, dançando macio Davenga gostou dos movimentos do corpo da mulher. Ela fazia um movimento bonito e ligeiro de bunda. Estava tão distraída na dança que nem percebeu Davenga olhando insistentemente para ela (Evaristo, 2016, p. 24).

A alegoria do espelho também é poderosa, representando a autoavaliação e a aceitação. Ao confrontar sua imagem, Ana se depara com suas inseguranças, o que a ajuda a encontrar serenidade e uma nova identidade.

No dia que Davenga viu Ana no Samba era uma madrugada pós assalto, Davenga estava atento a qualquer movimentação, mas, seus olhos estavam concentrados em Ana, Davenga mudou sua atenção para os movimentos e a dança da mulher. Ela lhe lembrava uma bailarina nua, tal qual a que ele viu um dia no filme de televisão (Evaristo, 2016, p. 25).

4.2.4 Interseccionalidade e Resistência

Interseccionalidade, conforme trazido por Carla Akotirene, fica evidente como a experiência de Ana é moldada pela sobreposição de raça, gênero e classe. A marginalização que enfrenta não é apenas uma questão de ser mulher ou negra, mas da intersecção dessas identidades em um contexto social que frequentemente as nega (Akotirene, 2020).

A interseccionalidade, conforme abordada por Carla Akotirene, refere-se a uma abordagem analítica que considera como diferentes formas de opressão e desigualdade se cruzam e se inter-relacionam. Esse conceito, que surgiu a partir dos estudos de Kimberlé Crenshaw, é essencial para compreender como experiências de discriminação e privilégio não podem ser entendidas isoladamente. Em vez disso, é necessário considerar múltiplas identidades sociais, como raça, gênero, classe, sexualidade e outras, que influenciam a vivência das pessoas (Akotirene, 2020).

Akotirene destaca que a interseccionalidade permite uma análise mais profunda das dinâmicas de poder e das estruturas sociais, reconhecendo que mulheres negras, por exemplo, enfrentam desafios únicos que não podem ser compreendidos apenas sob a ótica do racismo ou do sexismo isoladamente. Ao integrar essas diferentes camadas de opressão, a interseccionalidade busca desvelar as complexidades das experiências das pessoas marginalizadas e promover uma compreensão mais justa e inclusiva das lutas sociais. Essa abordagem é fundamental para a construção de políticas e práticas que realmente atendam às necessidades e realidades de todos os indivíduos, respeitando suas múltiplas identidades (Akotirene, 2020).

Elá não havia confundido a senha o toque prenúncio de Samba ou de macumba estava a dizer que tudo estava bem. Tudo em paz, na medida do possível. Um toque diferente, de batidas apressadas dizia algo mau, ruim, danoso no ar (Evaristo, 2016, p. 21).

Ana Davenga representa a luta pela autodeterminação em um espaço que muitas vezes tenta silenciar vozes como a dela. Sua jornada é um microcosmo das batalhas mais amplas das mulheres afro-brasileiras, que enfrentam uma sociedade opressora e, ao mesmo tempo, encontram formas de resistência e solidariedade.

A vida de Ana, cheia de desafios e de resistência, exemplifica como as personagens femininas de Evaristo constroem suas identidades num contexto de marginalização. Acrescente um comentário sobre como a jornada de Ana reflete a luta pela autodeterminação em um ambiente hostil.

Por meio dos símbolos e metáforas presentes na história de Ana, que expressam suas emoções e vivências, é possível enxergar uma complexidade que vai além do preconceito social. Ana pode ser comparada a uma exploradora em uma jornada interior, superando obstáculos complexos e revelando novos aspectos de sua personalidade durante o percurso. Essa analogia não só exemplifica sua batalha interna, mas também destaca sua resistência e habilidade de evoluir.

Os elementos naturais, como plantas, flores ou tempestades, remetem os diversos estágios da existência de Ana. Por exemplo, a árvore liga-se a resiliência e evolução interna, ao passo que uma tempestade pode refletir os períodos de desafio e instabilidade que ela encara. O emaranhado pode ser comparado às dificuldades e barreiras que Ana enfrenta em seu caminho. Cada contexto uma decisão ou obstáculo, e sua busca pela saída demonstra sua jornada de autoconhecimento e superação.

Tonalidades particulares são capazes de expressar sentimentos e vivências de Ana. Por exemplo, o amarelo representa alegria ou otimismo, enquanto o verde pode simbolizar esperança ou equilíbrio. Ao analisar as cores na história de Ana, podemos ter uma compreensão mais aprofundada sobre seu estado de espírito. Utilizando o espelho como símbolo, podemos refletir sobre a importância da autoavaliação e autoaceitação. Ao encarar sua própria imagem refletida, é possível encarar os medos e inseguranças, culminando em um

estado de serenidade interior e aceitação pessoal. Dessa forma, conseguimos ultrapassar estigmas de marginalização e reconhecer a humanidade e complexidade de sua trajetória.

A comparação com o samba pode ser uma forma impactante de analisar os desafios e as felicidades da jornada de Ana, ao mesmo tempo que ressalta a importância de evidenciar a batalha das mulheres negras por visibilidade e respeito em meio a uma sociedade excludente. Para Ana, o samba simboliza sua trajetória pela existência, com seus períodos de alegria e tristeza, seus instantes de festa e suas batalhas internas. Nos instantes em que ela executa a dança do samba da vida, ela demonstra sua capacidade de se adaptar e sua persistência diante das dificuldades que surgem.

Os desafios enfrentados por Ana em sua jornada podem ser comparados com os momentos em que a música do samba atinge um ponto de maior tensão, quando ela se depara com o preconceito racial, a discriminação de gênero e outras manifestações de exclusão. É como se ela estivesse em um equilíbrio instável, tentando conciliar a felicidade de ser quem é com as barreiras que têm pela frente.

Já as felicidades que preenchem a vida de Ana são evidenciadas nos instantes em que o samba é executado sem entraves, permitindo-lhe uma conexão genuína com sua comunidade, sua cultura e consigo mesma. Nessas circunstâncias, o samba se torna uma manifestação de sua própria liberdade e autenticidade, lembrando-a constantemente de que sua identidade merece ser festejada e reconhecida. No mesmo instante, a trajetória de Ana representa a batalha ampla das mulheres afrodescendentes por destaque e valorização. Enquanto encara obstáculos íntimos, ela ainda está combatendo um sistema que frequentemente as negligencia ou as representa de forma preconceituosa. Sua vontade por uma identidade única reflete a busca das mulheres negras por reconhecimento e expressão em uma sociedade que as exclui.

Os obstáculos que Ana enfrenta em sua trajetória são múltiplos e complexos, refletindo as dificuldades comuns a muitas mulheres negras em uma sociedade que, frequentemente, as marginaliza. Ela lida com o preconceito e o racismo estrutural, sendo constantemente estigmatizada e excluída de espaços

de poder, onde sua presença e suas contribuições são muitas vezes ignoradas ou minimizadas devido à cor de sua pele. Além disso, Ana enfrenta desafios de gênero, pois a discriminação racial se soma à desigualdade imposta pelo fato de ser mulher, resultando em uma opressão dupla que limita sua liberdade e expressão.

A falta de representação e visibilidade também é um obstáculo significativo, uma vez que as mulheres negras frequentemente são invisibilizadas nas narrativas sociais e culturais, o que as impede de ocupar o lugar que merecem nas histórias e discussões sobre identidade e cultura. Outro desafio relevante são as questões socioeconômicas, que limitam o acesso a recursos, educação de qualidade e oportunidades de trabalho, tornando ainda mais difícil para muitas mulheres negras alcançarem independência financeira e uma vida digna. Esses obstáculos, presentes na vida de Ana, são representativos da luta mais ampla das mulheres afrodescendentes por reconhecimento, valorização e respeito em uma sociedade que, muitas vezes, as exclui e as marginaliza. Através da sua jornada, ela se torna um símbolo dessa luta, onde a busca por uma identidade única e reconhecida é, ao mesmo tempo, um reflexo das batalhas diárias enfrentadas pelas mulheres negras em sua busca por equidade e visibilidade.

Dessa forma, ao utilizar a metáfora do samba para analisar a trajetória de Ana, ressaltamos não só suas vivências pessoais, mas também a batalha conjunta das mulheres negras por equidade, justiça e respeito. Isso representa uma forma de valorizar sua força e capacidade de superação, ao mesmo tempo em que reforçamos a importância da cooperação e empoderamento em nossa sociedade.

Ao longo do conto, Evaristo também critica as estruturas de poder opressivas que perpetuam a marginalização das mulheres negras, chamando a atenção para a necessidade de resistência e solidariedade dentro da comunidade afro-brasileira. Através da história de Ana Davenga, Conceição Evaristo nos convida a refletir sobre questões de identidade, justiça social e emancipação, enquanto celebra a resiliência e a beleza da cultura afro-brasileira.

4.2.5 Análise final

"Ana Davenga" se apresenta como uma obra multifacetada, onde Conceição Evaristo não apenas narra a trajetória de sua protagonista, mas também reflete sobre a luta histórica e coletiva das mulheres negras no Brasil, abordando temas como resistência, identidade e emancipação. Através de uma linguagem poética e profundamente sensível, a autora cria um espaço de reflexão sobre a construção da identidade negra feminina em um contexto de exclusão e discriminação. A protagonista, Ana, é mais do que uma personagem individual; ela é a personificação das lutas enfrentadas por inúmeras mulheres negras ao longo da história, que buscam afirmar sua existência e seu valor em uma sociedade marcada pelo racismo estrutural e pela desigualdade de gênero.

A obra de Evaristo vai além do simples relato de uma vida, inserindo-se em um contexto mais amplo que denuncia as condições sociais e culturais que limitam o acesso das mulheres negras à dignidade e ao reconhecimento. Ao utilizar simbolismos como o samba e as referências às Yabás, Evaristo resgata as tradições afro-brasileiras, que são frequentemente marginalizadas ou esquecidas, mas que representam forças vitais para a construção da identidade dessas mulheres. O samba, por exemplo, não é apenas um ritmo, mas um símbolo de resistência, um reflexo da complexidade da vida de Ana, que é repleta de altos e baixos, como as próprias experiências de mulheres negras que, apesar de enfrentarem inúmeras adversidades, continuam a celebrar suas raízes e sua cultura.

O conto também nos convida a refletir sobre a necessidade de emancipação, não apenas em termos de liberdade pessoal, mas também de um processo coletivo de transformação social. A luta de Ana é, portanto, uma luta pela visibilidade e pelo reconhecimento das mulheres negras em uma sociedade que ainda as marginaliza, ainda as vê através de estereótipos preconceituosos e reduz suas existências a papéis secundários. Ao dar voz e força à personagem de Ana, Conceição Evaristo nos oferece uma poderosa metáfora sobre o potencial de resistência das mulheres negras, que, mesmo diante de todos os obstáculos impostos pelo racismo e pelo patriarcado, continuam a lutar por seu espaço e sua dignidade.

Em última instância, "Ana Davenga" é mais do que uma obra literária; é um convite à ação, à reflexão e à transformação. Ao destacar a beleza, a força e a resiliência da cultura afro-brasileira, Evaristo nos lembra da importância de valorizarmos as narrativas negras, reconhecendo o impacto delas na formação da sociedade brasileira. O livro é, assim, uma chamada à valorização e à celebração da identidade negra, ao mesmo tempo que denuncia as injustiças que ainda precisam ser combatidas. Através da figura de Ana, Evaristo constrói um símbolo poderoso da luta das mulheres negras por liberdade, reconhecimento e respeito, e oferece uma obra que reverbera, de forma profundamente emocional e poética, as lutas e vitórias dessas mulheres, desafiando-nos a questionar e reimaginar as estruturas de poder que ainda nos oprimem.

4.3 “MARIA”

Maria enfrenta desafios consideráveis devido à discriminação e violência em uma sociedade sexista e racista. Contudo, é sua resiliência diante dessas dificuldades que auxilia na formação de uma identidade sólida e resistente. Em primeiro lugar, a habilidade de Maria em persistir diante da violência e do preconceito é vital para sua sobrevivência. Mesmo enfrentando desafios difíceis, ela consegue se proteger, buscar ajuda em seu círculo social e se posicionar contra a injustiça. Essa persistência não só a mantém viva, como também a torna mais resiliente.

4.3.1 Racismo, violência, maternidade e resistência

A violência e a discriminação permite a Maria a chance de reafirmar sua identidade e autoconfiança. Ao se negar a ser rotulada pelas narrativas opressivas da sociedade, ela desenvolve uma identidade única, que se baseia em sua coragem interior, sua herança cultural e suas metas pessoais. A cada vez que ela se recusa a ser calada ou desvalorizada, ela reforça sua dignidade e importância como indivíduo.

4.3.2 Resiliência de Maria

A resiliência de Maria diante das adversidades também se baseia na união e na ajuda de sua comunidade. Ao se juntar a outros que vivenciam situações semelhantes e lutam por seus direitos, ela encontra coragem e apoio. Essa

ligação comunitária não apenas a fortalece emocionalmente, mas também solidifica sua vontade de enfrentar os desafios impostos pelas estruturas opressoras.

Em resumo, a persistência de Maria não se limita a reagir de forma passiva às dificuldades, mas também se mostra como uma maneira ativa de mudança e fortalecimento. Ao confrontar as regras injustas e lutar por melhorias em sua própria vida e na comunidade em geral, ela se torna uma promotora de mudanças. Sua persistência não só a fortalece individualmente, como também colabora para a criação de um ambiente mais equitativo e justo para todos.

Dessa forma, a força de vontade de Maria não só a auxilia a enfrentar os desafios impostos pela sociedade preconceituosa e machista, como também desempenha um papel crucial na formação de uma identidade sólida e resistente. Essa atitude representa sua autoestima, evidencia sua persistência e serve de exemplo de esperança e motivação para os demais.

"Maria", mergulha nas profundezas das experiências de mulheres negras no Brasil contemporâneo, explorando temas como racismo, violência, maternidade e resistência. O conto acompanha a jornada de Maria, uma mulher negra que enfrenta desafios imensos em sua vida cotidiana. Desde uma infância marcada pela pobreza e pela violência doméstica até a vida adulta, onde ela é confrontada com as injustiças sociais e a discriminação racial, Maria luta para sobreviver e encontrar um sentido em meio ao caos que a rodeia.

4.3.3 Identidade e Autoconfiança

A força da narrativa reside na profundidade e na autenticidade dos personagens, especialmente Maria, cuja voz ressoa com uma honestidade e uma coragem que são comoventes e inspiradoras. A autora habilmente descreve as complexidades da experiência de Maria, revelando suas lutas internas e sua resiliência diante das adversidades. Além disso, "Maria" também oferece uma crítica contundente às estruturas de poder opressivas que perpetuam a marginalização das mulheres negras no Brasil. Evaristo não hesita em abordar questões difíceis, como o racismo institucional, a violência de gênero e a exploração econômica, enquanto oferece uma percepção da resistência e da solidariedade dentro da comunidade afro-brasileira.

A história retrata também o local de subalternidade, empregado pelas mulheres negras em muitas situações. Lançando a luz sobre as experiências de discriminação e desigualdade enfrentadas pelas mulheres negras. As personagens são frequentemente marginalizadas e subestimadas devido à sua raça e gênero, enfrentando obstáculos em suas vidas pessoais, educacionais e profissionais.

No dia anterior, no domingo, havia tido festa na casa da patroa. Ela leva para casa os restos. O osso do pernil e as frutas que tinha enfeitado a mesa. Ganhara as frutas e uma gorjeta. Os ossos, a patroa ia jogar fora. Estava feliz, apesar do cansaço. A gorjeta chegará numa boa hora. Os dois filhos menores estavam muito gripados. Precisava comprar xarope e aquele remedinho de desentupir nariz. Daria para comprar também uma lata de Toddy. As frutas estavam ótimas e havia melão. As crianças nunca tinham comido melão. Será que os meninos iriam gostar de melão?" (Evaristo, 2014, p. 39-40)

Outro ponto, que o conto aborda são as complexidades da identidade negra e as lutas das mulheres negras para encontrar seu lugar em uma sociedade marcada pelo racismo e pela discriminação. As personagens enfrentam o desafio de reconciliar sua identidade racial com as expectativas e pressões da sociedade ao seu redor. Um exemplo disso é a situação vivida por Maria, quando está no ônibus encontra o pai do seu primeiro filho, conversa um pouco com ele e logo em seguida o mesmo anuncia um assalto. Após o ocorrido, as pessoas no ônibus iniciam o processo de julgamento: "Negra safada, vai ver que estava de conluio com os dois". (2014, p.41) E ainda: "A primeira voz, a que acordou a coragem de todos, tornou-se um grito: Aquela puta, aquela negra safada estava com os ladrões!" (2014, p.42).

Destaca-se que o termo "negra" é associado a algo pejorativo. É utilizado para discriminar, reforçando o racismo e colocando a mulher negra como agressora/culpada e não vítima do problema social, igualmente a todos que ali estavam e sofreram o assalto "Alguém gritou: Lincha! Lincha! Lincha... Uns passageiros desceram e outros voaram em direção à Maria." (2014, p.42).

4.3.4 Comunidade e Solidariedade

A história de Maria é contada de maneira sensível, destacando os desafios enfrentados por ela devido à discriminação e sua luta constante. Essa narrativa proporciona uma visão mais abrangente e compassiva da realidade vivida pelas mulheres negras em diferentes aspectos.

Ao descrever de maneira minuciosa e cativante a trajetória de Maria, a narrativa ressalta a humanidade em suas vivências e obstáculos. Em vez de apresentá-la unicamente como alguém sofrendo discriminação, o relato possibilita enxergar Maria em sua totalidade, com aspirações, sentimentos, emoções e laços interpessoais significativos. Isso contribui para compreendermos que as mulheres negras não devem ser reduzidas somente às suas batalhas, mas sim reconhecidas por sua essência humana e singularidade.

A história emocionante aborda as dificuldades vivenciadas por Maria dentro de um cenário mais abrangente de discriminação sistêmica e estrutural. Isso nos ajuda a entender os obstáculos enfrentados por ela não são meramente questões pessoais, mas sim consequências de sistemas de opressão que afetam a realidade de inúmeras dessas mulheres. Dessa forma, o relato nos convida a refletir sobre temas como poder, privilégio e equidade social.

A maneira delicada como a história é contada nos permite analisar os sentimentos complicados de Maria e sua determinação diante dos desafios. É possível observar sua forma de lidar com a adversidade, procurar suporte emocional e descobrir maneiras de se fortalecer e progredir. Isso auxilia na valorização da resiliência e da habilidade de enfrentamento desse público, questionando conceitos estereotipados e preconceituosos.

Ao adentrar profundamente nas vivências de Maria de maneira empática e minuciosa, a história tocante nos encoraja a ampliar nossa empatia e compreender melhor as realidades dessa parcela da sociedade. É possível nos solidarizarmos com seus desafios, compreender suas dores e celebrar suas conquistas, mesmo que nossas próprias vivências sejam distintas. Esse exercício nos aproxima das realidades das mulheres negras e nos motiva a agir com apoio e solidariedade.

Deste modo, ao narrar a trajetória de Maria com sensibilidade e compaixão, pode-se adquirir uma compreensão mais profunda e solidária acerca dessa realidade. Isso possibilita o reconhecimento de sua dignidade, a compreensão de seus desafios e a promoção de um mundo mais equitativo e acolhedor para todos.

4.3.5 Narrativa e Personagens

O conto aborda as complexidades da identidade negra e as lutas das mulheres negras para encontrar seu lugar em uma sociedade marcada pelo racismo e pela discriminação. As personagens enfrentam o desafio de reconciliar sua identidade racial com as expectativas e pressões da sociedade ao seu redor.

Mulheres infecundas e perigosas como Bertoleza animalizadas no interior da narrativa e que morre focinhando, ou como Rita Bahiana, marcada pela sexualidade perigosa que macula a família portuguesa, ambas personagens de *O cortiço* (1890) de Aloísio de Azevedo. Há ainda a mulher-natureza, incapaz de entender e atender determinadas normas sociais, cujo exemplo é a conduta sexual ingênua de Gabriela, em *Gabriela, Cravo e Canela*, (1958) de Jorge Amado (Evaristo, 2009, p. 24)

Apesar das adversidades, essas mulheres são retratadas no conto demonstram uma notável força interior e resiliência. Elas encontram maneiras de resistir à opressão, preservar sua dignidade e construir uma vida melhor para si mesmas e para suas famílias.

A lembrança compartilhada das mulheres que vieram antes de Maria é essencial para moldar sua identidade afro-brasileira e fortalecer sua capacidade de resistência e persistência. As mulheres afrodescendentes que precederam Maria proporciona uma ligação significativa com a história e a cultura de sua comunidade. Ao conhecer as batalhas, vitórias e impactos das mulheres negras ao longo dos anos, ela consegue compreender sua própria essência dentro desse cenário mais abrangente.

Inspirada por histórias de mulheres que superaram desafios semelhantes aos seus e lutaram contra a opressão, Maria encontra força e motivação para seguir em frente em sua jornada. Ela se une a uma longa lista de mulheres corajosas e resilientes, cuja determinação e valentia servem como inspiração e apoio para ela.

A lembrança compartilhada pelas mulheres afrodescendentes no Brasil também difunde princípios significativos e costumes culturais que contribuem para a formação da identidade de Maria. Ela absorve conhecimentos acerca da valorização da união, da equidade, da autoconfiança e da exaltação de suas raízes culturais, princípios que são essenciais para sua persistência e fortalecimento.

Ao homenagear a trajetória das mulheres que vieram antes de si, Maria reforça a sua própria identidade afrodescendente e conquista o seu lugar na sociedade. Ela não aceita ser ignorada ou excluída, e em vez disso, celebra a sua própria história. A memória compartilhada das mulheres afrodescendentes no Brasil também funciona como um lembrete da batalha incessante por equidade e justiça. Maria percebe que sua batalha não está limitada a questões pessoais, mas sim integrada a um movimento mais abrangente em busca de emancipação e capacitação para todas essas.

Assim, a lembrança das mulheres afrodescendentes que vieram antes de Maria é essencial para moldar sua identidade e apoiar sua capacidade de resistência e persistência. Isso funciona como uma fonte de encorajamento, empoderamento e validação, que a mantém ligada à sua história, cultura e sociedade.

Desde sua infância até a vida adulta, a trajetória de Maria é um exemplo marcante da batalha constante pela dignidade e autoafirmação em um contexto desafiador. Desde certa idade, Maria se depara com as desigualdades sociais e os obstáculos decorrentes de ser uma mulher negra em uma sociedade permeada pelo preconceito racial e pela exclusão. Durante a sua infância, Maria enfrenta a ausência de chances de educação de alto nível, o preconceito racial e a carência financeira. Ela presencia as batalhas enfrentadas pela sua família para se manter e crescer em uma sociedade que exclui e oprime os indivíduos de pele negra. Estes acontecimentos influenciam a sua visão de mundo e alimentam o seu desejo de batalhar por um futuro mais promissor.

Conforme Maria amadurece, ela ainda encontra desafios em seu caminho. Diariamente, ela se depara com atitudes sexistas e racistas, seja na escola, no ambiente de trabalho ou em suas relações sociais. Maria se vê batalhando para ser respeitada e apreciada por sua verdadeira essência, ao mesmo tempo em que enfrenta estereótipos e discriminações que tentam minar sua confiança e autoestima.

Contudo, mesmo diante desses obstáculos, Maria não aceita ser rotulada pelas normas e barreiras sociais. Ela busca apoio em seu círculo social, em sua herança cultural e na lembrança das mulheres que a antecederam. A história

compartilhada das batalhas e vitórias das mulheres afro-brasileiras funciona como um estímulo e fortalecimento para Maria, motivando-a a persistir e batalhar por uma existência digna e uma identidade marcante.

Dessa forma, a trajetória de Maria exemplifica de maneira vívida a relevância da memória coletiva e da persistência na formação da identidade afro-brasileira. Ao reconhecer e valorizar suas origens culturais, bem como suas batalhas do passado e do presente, Maria encontra força e significado para encarar os desafios atuais e lutar por um futuro mais equitativo. Sua narrativa destaca a resiliência e a determinação das mulheres negras em um contexto adverso, ressaltando a essencial solidariedade e a luta conjunta por justiça e igualdade.

4.3.5 Análise final

Como já foi descrito, é composta por processos de desenvolvimentos. Evaristo, em muitas das suas obras, traça a ideia “escrevivencia”, ou seja, é a escrita por meio de um lugar de fala, de uma experiência posta, seja presenciada no local de sua vivência, histórias ouvidas, interferências de avós, mães, tias que mesmo não contada de modo literal, influenciam na sua “escrevivencia”. Em seus escritos, a própria autora, revela que a inclinação da sua escrita é prioritariamente a mulher negra e a busca pela ancestralidade afro.

A força de vontade de Maria não só a auxilia a enfrentar os desafios impostos pela sociedade preconceituosa e machista, como também desempenha um papel crucial na formação de uma identidade sólida e resistente. Sua narrativa destaca a resiliência e a determinação das mulheres negras em um contexto adverso, ressaltando a solidariedade e a luta conjunta por justiça e igualdade.

4.5 A “ESCREVIVÊNCIA” “OLHOS D’AGUA” E A MULHER AFRO-BRASILEIRA

Compreender sobre o processo de influência da obra, é antes, necessário expor o significado de “escrevivencia”. O termo, foi exposto pela própria escritora ainda no ano de 1995. É a junção das palavras “escrever” e “viver”, e advém segundo a autora, do ideal de que “não é para ninar os filhos da Casa Grande,

e sim para incomodá-los em seus sonos injustos” (2007, p. 21). Assim, a influência para a construção da mulher negra, advém da ideia de que os contos são autobiografia de antepassados. É preciso destacar que não é uma “autobiografia” propriamente dita, mas é o resultado de experiências coletivas. Os contos, ecoam experiências de maneira fictícia histórias verdadeiras. Fica evidente que, apesar de não ser experiências da própria Evaristo, ela testemunhou tais histórias. Esses relatos, são partilhados por mulheres negras, que em muitos momentos não reconheciam as situações de violências passadas, no contexto de favelas no Brasil. Além disso, Evaristo, media os gritos dessa mulher aos seres ancestrais, constituindo assim, a identidade desta como ser cultural.

Diante desse cenário, Melo e Godoy afirmam: “o que veremos é que resistir por meio da literatura é também reexistir, e para um povo cuja voz foi e é constantemente sufocada, a escrevivência se torna um recurso de emancipação.” (2017, p. 1289). Desse modo, os contos influenciam diretamente para a emancipação da mulher negra, dando voz a essa e provocando em si e nos leitores a reflexão acerca das problemáticas vivenciada pelo negro, ao longo dos anos, principalmente o público feminino.

Outro ponto, que culmina para a identificação da mulher afro-brasileira, provado pelo conto, é que a autora não individualiza as experiências. A autora, faz questão de atroiar as experiências como vivenciada por “nós”, dando a ideia de que todos os negros vivenciam isso e juntos precisam formar uma identidade culturalmente emancipada.

É preciso entender que, Evaristo, busca dar enfoque de que esses negros estão “marginalizados”, vivenciando o pouco, sendo inibido de ter sonhos e perspectivas, vivendo para a sobrevivência. O ideal do conto é mostrar que, “nós” como negros, precisamos internalizar tais histórias e entender os processos vividos, construindo uma identidade forte e buscando o coletivo, entendendo o lugar da mulher negra pobre, os preconceitos e discriminações sofridas. Dando visibilidade a essas histórias, e anunciando temáticas importantes que atingem diretamente a identidade da mulher afro-brasileira, como a interseccionalidade.

A interseccionalidade, possibilita compreender de melhor forma as desigualdades, e como elas provocam opressões e discriminações, que se relacionam entre si e desencadeiam problemas estruturais, como racismo (Sousa, 2024). No conto, a interseccionalidade provoca o discurso de gênero e raça, evidenciando que a mulher afro-brasileira em sua identidade deve compreender as relações entre estes, além das problemáticas sofridas durante gerações, entendendo que é preciso buscar mudanças estruturais, emancipação.

No contexto do gênero, o conto revela a violência sofrida pelas mulheres afro-brasileiras. Um exemplo desse discurso é o conto de Maria, negra, periférica, empregada doméstica, dependente das sobras da casa da patroa para alimentar seus filhos. Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas de Geografia e Estatística (IBGE), sobre as Estatísticas de gênero: indicadores sociais das mulheres no Brasil, revelou que as mulheres negras sofrem mais violência do que a mulher branca em todas as áreas, psicológica, física e sexual (IBGE, 2024).

As desigualdades em relação ao gênero, perpetuam ainda na sociedade e assemelham-se a relações sociais e desiguais, uma vez que reproduzem a relação de poder. Neste seguimento a violência doméstica contra a mulher, condensam uma sequência de mazelas estruturais impregnadas na sociedade brasileira, subdividindo-se e caracterizando-se enquanto violência psicológica, física, patrimonial, moral, sexual, estupro e entre outros (Bueno, 2018). Em conclusão, a violência agrava-se e diversifica-se segundo a diferença social e econômica das mulheres que vivem essa realidade, tendo também, diferentes percepções sociais (Campos, 2011).

Mesmo que na sociedade atual haja um aumento gradativo das forças sociais e políticas estimuladas, sobretudo pelos movimentos sociais formados por minorias militantes, o Brasil ainda se encontra numa posição controvérsia, onde na teoria os direitos são respeitados, mas na prática nem os mínimos não são acessados além da população não receber das instituições o tratamento que lhe é devido (Batista, 2018).

Essa realidade, pode se assemelhar a realidade de muitas mulheres afro-brasileira, senão de forma completa, em partes cruciais. O conto, busca mostrar e promover a identificação histórica de cada mulher, sob essa realidade. Provocando o reconhecimento dessa realidade e incentivo para a mudança. A violência doméstica contra a mulher, deve ser analisada em uma perspectiva apurada pelas ciências sociais a partir do conceito de patriarcado. Define-se esta categoria enquanto normativa sistemática da dominação da figura masculina sobre a feminina, foi constituído pela estrutura hierárquica da sociedade, posta por diferentes setores. Essa estruturação de dominação seria antecedente a modernização social, sendo respaldados em uma soma de padrões tradicionais, morais, preconceituosos e informais. Esse padrão desconsidera as regras e normas universais de direitos constitucionais. Observa-se ainda que o patriarcado, ainda na contemporaneidade, conserva-se. Essa estrutura, permeia também toda a organização social (Alves, 2018).

Outro ponto que se faz presente é, a valorização da cultura africana, com a demonstração de ritos religiosos, assim como descrito “fazíamos reverências à Senhora. Postávamos deitadas no chão e batíamos a cabeça para Rainha.” (2014, p.17). O conto celebra a riqueza e a diversidade da cultura afro-brasileira, destacando as tradições, os rituais e os valores que são importantes para as personagens. A cultura serve como um meio de resistência e de afirmação da identidade negra em um contexto de marginalização e discriminação.

Nessas ocasiões a brincadeira preferida era aquela em que a mãe era a Senhora, a Rainha. Ela se assentava em seu trono, um pequeno banquinho de madeira. Felizes, colhíamos flores cultivadas em um pequeno pedaço de terra que circundava o nosso barraco. As flores eram depois solenemente distribuídas por seus cabelos, braços e colo. E diante dela fazíamos reverências à Senhora. Postávamos deitadas no chão e batíamos cabeça para a Rainha. (Evaristo, 2014, p. 17)

O conto revela a procura da personagem principal por sua ancestralidade, suas raízes, simbolizada pelos olhos da mãe, enaltecedo as mulheres da família, valorizando a figura matriarca, representada por avó, tia, filhas e mães, prestando reconhecimento a cultura afro.

Mas eu nunca esquecera a minha mãe. Reconhecia a importância dela na minha vida, não só dela, mas de minhas tias e de todas as mulheres de minha família. E também, já naquela época, eu entoava cantos de louvor a todas as nossas ancestrais, que desde a África vinham arando a terra da vida com suas próprias mãos, palavras e sangue. Não, eu

não esqueço essas Senhoras, nossas Yabás, donas de tanta sabedoria. (Evaristo, 2014, p.18)

Além disso, o conto destaca a importância da solidariedade e da comunidade entre as mulheres negras. As personagens encontram apoio umas nas outras, compartilhando suas histórias, suas dores e suas esperanças. Essa solidariedade é uma fonte de força e empoderamento para elas. Quando a protagonista não consegue reconhecer a cor dos olhos da mãe, vai até ela pois necessita redescobrir e reconhecer, demonstrando a resistência da mulher negra.

E foi então que, tomada pelo desespero por não me lembrar de que cor seriam os olhos de minha mãe, naquele momento resolvi deixar tudo e, no dia seguinte, voltar à cidade em que nasci. Eu precisava buscar o rosto de minha mãe, fixar o meu olhar no dela, para nunca mais esquecer a cor de seus olhos. (Evaristo, 2014, p.18)

Em resumo, "Olhos d'água" oferece um retrato poderoso e comovente da experiência da mulher negra no Brasil, destacando suas lutas, suas conquistas e sua resiliência diante das adversidades. O conto convida os leitores a refletir sobre questões de raça, gênero, identidade e justiça social, oferecendo uma visão complexa e humana dessa experiência.

5 CONCLUSÃO

Este trabalho analisou a representação da mulher negra na literatura brasileira, com foco nos contos de Conceição Evaristo. Através das histórias de personagens como Ana e Maria, Evaristo oferece uma perspectiva profunda sobre as experiências das mulheres afro-brasileiras, ressaltando as complexidades da identidade afrodescendente.

No primeiro capítulo, discutimos o contexto histórico da inserção da mulher negra no mercado de trabalho, evidenciando como as desigualdades sociais e raciais moldam suas trajetórias. Evaristo retrata personagens que, apesar das adversidades, buscam reconhecimento e autonomia, trazendo à tona a luta por dignidade e espaço em uma sociedade marcada pelo preconceito. A análise dessas narrativas revela que as dificuldades enfrentadas por essas mulheres não são apenas pessoais, mas também reflexos de um sistema opressivo mais amplo.

No segundo capítulo, aprofundamos a análise das representações da mulher negra nos contos de Evaristo, destacando como suas personagens transcendem o papel de vítimas. Elas são apresentadas como protagonistas que, através de sua resiliência e força emocional, desafiam estereótipos e buscam construir sua identidade. Essa visão multifacetada não apenas enriquece a compreensão da identidade afro-brasileira, mas também promove uma nova forma de empoderamento, que valoriza a ancestralidade e a cultura africana.

Finalmente, a conclusão do trabalho evidencia a importância das narrativas de Evaristo como instrumentos de transformação social. Suas histórias não apenas documentam as lutas e conquistas, mas também incentivam a valorização de suas experiências, contribuindo para a construção de uma sociedade mais justa e inclusiva. Ao celebrar a diversidade e a humanidade de suas personagens, Evaristo reafirma que a voz das mulheres afro-brasileiras é essencial para a narrativa coletiva do Brasil.

As narrativas de Conceição Evaristo oferecem uma visão profunda e complexa das mulheres negras, desempenhando um papel fundamental na formação da identidade afrodescendente. Por meio de personagens ricas e histórias tocantes, Evaristo transcende as narrativas superficiais de dor, proporcionando retratos autênticos e variados das vivências das mulheres afro-brasileiras.

Em suas obras, Evaristo revela mulheres cujas trajetórias são marcadas por obstáculos, injustiças e opressão. No entanto, ela vai além dessa representação, destacando a persistência, a força emocional e as raízes ancestrais como elementos essenciais para a libertação e a singularidade dessas mulheres. Suas personagens não são meras vítimas das circunstâncias, mas sim protagonistas ativas de suas próprias histórias, que enfrentam dificuldades e reafirmam sua essência e valor.

A autora também enfatiza a importância da conexão com as origens culturais e espirituais, incorporando elementos da cultura africana em suas narrativas. Essa valorização da herança ancestral não apenas empodera os personagens, mas também serve como um alicerce sólido para a construção de

uma identidade afro-brasileira mais rica, fundamentada na história e na cultura da comunidade negra.

Em síntese, os relatos de Conceição Evaristo nos convidam a explorar um universo de matizes, onde as mulheres negras são apresentadas em toda a sua diversidade e humanidade. Evaristo sublinha que suas narrativas são componentes cruciais da história do Brasil, ressaltando a importância de reconhecer e valorizar suas influências na construção de uma sociedade mais equitativa e inclusiva. Através de suas histórias, ela nos motiva a enxergar e exaltar a beleza, a resiliência e a determinação das mulheres afrodescendentes, solidificando, assim, sua contribuição vital para a identidade afro-brasileira.

Assim, o estudo das obras de Conceição Evaristo nos permite entender a relevância das representações literárias na formação da identidade afro-brasileira, ressaltando a necessidade de uma literatura que reconheça e valorize as experiências e contribuições das mulheres negras, promovendo, assim, um diálogo mais profundo sobre igualdade e justiça social.

REFERÊNCIAS

- AKOTIRENE, Carla. *"Interseccionalidade: O que é?"* Belo Horizonte: Letramento, 2020
- AKOTIRENE, Karla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Polém, 2019
- ALBUQUERQUE, Wlamyra R. de. **Uma história do negro no Brasil** / Wlamyra R. de Albuquerque, Walter Fraga Filho. _Salvador: Centro de Estudos Afro-Orientais; Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2006
- ALMEIDA, Franklim Drumond. **Razão conceptiva: uma aproximação entre Susanne Langer e Nise da Silveira**. Annales Faje, v. 8, n. 2, p. 211-211, 2023.
- ALMEIDA, Sílvio. **Racismo Estrutural**. São Paulo: Editora Jandaíra, 2021
- ALVES, M. **A literatura negra feminina no Brasil – Pensando a existência**. Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN), v. 1, n. 3, p. 181-190, 2011.
- ANTUNES, Roberta Borges Bravo. **Impacto da Covid-19 na participação de mulheres no mercado de trabalho brasileiro** / Roberta Borges Bravo Antunes; orientadora: Wasmália Bivar; coorientador: Francisco Luna Santos. 2024. Tese (Doutorado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2024.
- ARAUJO, Veronica et al. **Diferenças de salários por gênero no Brasil: Uma análise regional**. 2017
- ARRUDA, J. B. de. Livro Temático 1; **Africanidades e Brasilidades: Saberes, Sabores e Fazeres**. João Pessoa: Dinâmica Editora, Ltda – 2007

- AUGUSTO, Natalia. **A Evolução Recente da Desigualdade entre Negros e Brancos no Mercado de Trabalho das Regiões Metropolitanas do Brasil.** Revista Pesquisa & Debate. São Paulo. Vol. 26. Número 2 (48). pp. 105 - 127 Set 2015
- BARALDI, Camila Bibiana Freitas; PERUZZO, Pedro Pulzatto. **DEMOCRACIA E DIREITOS HUMANOS: A PARTICIPAÇÃO SOCIAL DAS MINORIAS.** Revista Eletrônica do Curso de Direito da UFSM, Santa Maria, RS, v. 10, n. 1, p. 347-370, out. 2015
- BASTOS, A. V. B.; BORGES-ANDRADE, J. E.; ZANELLI, J. C. (orgs.). **Psicologia, Organizações e trabalho no Brasil.** Porto Alegre:Artmed, 2014
- BILHEIRO, Ivan. **A legitimação teológica do sistema de escravidão negra no Brasil.** Juiz de Fora: CES Revista. V. 22, 2008, p. 91 – 101
- BORGES, Rovênia Amorim. **A NATURALIZAÇÃO DA DISCRIMINAÇÃO RACIAL EM PORTUGAL.** Educ. Soc., Campinas , v. 41, e0227363, 2020
- CAMPOS, Luiz Augusto. **RACISMO EM TRÊS DIMENSÕES Uma abordagem realista-crítica.** RBCS Vol. 32 n° 95/2017: e329507
- CARNEIRO, Sueli. **Enegrecer o feminismo: A Situação da Mulher Negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero.** In: Ashoka Empreendimentos Sociais & Takano Cidadania (Orgs.). Racismos contemporâneos. Rio de Janeiro: Takano Editora, 2011
- COLLINS, Patricia Hill. **Aprendendo com a outsider within: a significação sociológica do pensamento feminista negro.** Revista Sociedade e Estado. [online]. 2016, vol.31, n.1
- Consolidação das Leis do Trabalho (CLT) de 1943 / Consolidated Labour Laws (Law No. 5.452 of 1943)**
- Constituição da República Federativa do Brasil de 1988 / Constitution of Federal Republic of Brazil, 1988**
- DAFLON, Verônica Toste; CARVALHAES, Flávio; FERES JUNIOR, João. **Sentindo na Pele: Percepções de Discriminação Cotidiana de Pretos e Pardos no Brasil.** Dados, Rio de Janeiro, v. 60, n. 2, p. 293-330, Apr. 2017
- DEVULSKY, Alessandra. **Estado, racismo e materialismo.** Margem esquerda, São Paulo: Boitempo, v. 27, 2. sem. 2016, p. 25-30
- DUARTE, Eduardo de Assis; BEZERRA, Kátia da Costa (orgs.). **Gênero e representação: teoria, história e crítica.** Belo Horizonte: UFMG, 2002. p. 58-66.
- ECHEVERRIA, Gabriela Bothrel. Et al. **PRECONCEITO E DESIGUALDADES SOCIAIS: A MULHER NEGRA NO MERCADO DE TRABALHO BRASILEIRO.** Ciências humanas e sociais | Maceió | v. 2 | n.3 | p. 71-82 | Maio 2015
- EVARISTO, Conceição. **Olhos d'água.** Rio de Janeiro: Pallas, 1999. Belo Horizonte: Letramento, 2017. 112 p. (Feminismos Plurais)», Horizontes Antropológicos, 54 | 2019, 361-366
- FAGUNDES, RaphaelaM. **Penteado Afro: cultura, identidade e profissão.Brasília: Fundação Cultural Palmares,** 2019
- FANON, F. Pele negra, máscaras brancas. Salvador: EdUFBA, 2008.
- FERREIRA, R. F.; CAMARGO, A. C. **“As relações cotidianas e a construção da identidade negra”.** Psicologia: Ciência e Profissão, vol. 31, n. 2, 2011

FILLETI, J. P.; GORAYEB, D. S.; MELO, M. F. G. C. “**Mulheres Negras no mercado de trabalho no 4º trimestre de 2020**”. Boletim NPEGen Mulheres Negras no Mercado de Trabalho. Campinas: Editora FACAMP, 2021

FITZ, Earl E. Ambigüidade e Gênero: estabelecendo a diferença entre a ficção escrita por mulheres no Brasil e na América Espanhola. In: SHARPE, Peggy (org.). Entre Resistir e Identificar-se: para uma teoria da prática da narrativa brasileira de autoria feminina. Florianópolis: Editora Mulheres; Goiânia: Editora da UFG, 1997, p. 42-51

GOMES, Magno Rogério; SOUZA, Solange de Cassia Inforzato de. **ASSIMETRIAS SALARIAIS DE GÊNERO E A ABORDAGEM REGIONAL NO BRASIL: UMA ANÁLISE SEGUNDO A ADMISSÃO NO EMPREGO E SETORES DE ATIVIDADE.** Rev. econ. contemp., Rio de Janeiro , v. 22, n. 3, e182234, 2018

GOMES, Nilma Lino. **O Movimento Negro Educador: saberes construídos nas lutas por emancipação.** Rio de Janeiro: Vozes, 2017

GONÇALVES, R. “**A invisibilidade das mulheres negras no ensino superior**”. Poiésis -Revista do Programa de Pós-Graduação em Educação, vol.12, n. 22, dezembro,2018

GONZALEZ, L. “**Racismo e sexismo na cultura brasileira**”.Revista Ciências Sociais Hoje, 1984

GOUVEIA, M.; ZANELLO, V. **Psicoterapia, raça e racismo no contexto brasileiro: experiências e percepções de mulheres negras.** Psicologia em Estudo, v. 24, 2019.

HERINGER, R. **Desigualdades raciais no Brasil: síntese de indicadores e desafios no campo das políticas públicas.** Cad. Saúde Pública, Rio de Janeiro, 18(Suplemento):57-65, 2002

Hirakawa, Ana Paula Ribotta. **LOGÍSTICA URBANA EM FAPELAS E ÁREAS PRECÁRIAS: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA DA LITERATURA.** 2018

HOOKS, Bell. **Ain't I a Woman?** Black women and feminism. New York: Routledge, 2015.

HOOKS, bell. **Mulheres negras: moldando a teoria feminista.** Revista Brasileira de Ciência Política, n. 16, p. 193-210. abr. 2015

LÓPEZ, L.C. **The concept of institutional racism: applications within the healthcare field.** Interface - Comunic., Saude, Educ., v.16, n.40, p.121-34, jan./mar. 2012.

MADEIRA, Maria Zelma de Araújo. **Questão racial e opressão: desigualdades raciais e as resistências plurais na sociedade capitalista.** Revista Argumentum, Vitória, v. 9, n. 1, p. 21-31, jan./abr. 2017

MADEIRA, Zelma; GOMES, Daiane Daine de Oliveira. **Persistentes desigualdades raciais e resistências negras no Brasil contemporâneo.** Serv. Soc. Soc. São Paulo, n. 133, p. 463-479, dezembro de 2018

MALPIGHI, V. C. S.; BARREYRO, L. A. L.; MARIGLIANO, R. X., LEOPOLDO, K. “**Negritude feminina no Brasil: uma análise com foco na educação superior e nos quadros executivos empresariais**”. Revista Psicologia Política,vol.20, n. 48,agosto,2020

MEIRELES, Débora. **DIFERENCIAS DE RENDIMENTOS POR GÊNERO E RAÇA NO MERCADO DE TRABALHO BRASILEIRO.** GÊNERO|Niterói|v.20|n.1| 2. sem.2019

- MELO, G. C. V.; LOPES, L. P. M. "Ordens de indexicalidade mobilizadas nas performances discursivas de um garoto de programa: ser negro e homoerótico". *Linguagem em (Dis)curso*, vol. 14, n. 3, dezembro, 2014
- MESQUITA FILHO, Marcos; EUFRÁSIO, Cremilda; BATISTA, Marcos Antônio. **Estereótipos de gênero e sexismoadbivalente em adolescentes masculinos de 12 a 16 anos.** *Saúde e Sociedade*, v. 20, n. 3, p. 554-567, 2011
- MOREIRA, Núbia Regina. **Movimento feminista negro no Brasil.** 2018
- MOURA, Renan Gomes de. **"SOMOS MAIS SOFRIDAS DO QUE MARGINAIS": A MULHER NEGRA DO MERCADO DE TRABALHO.** *Revista Valore, Volta Redonda*, 3 (2): pag.539-556, Jul/Dez/2018
- MUNANGA, Kabengele. **As ambigüidades do racismo à brasileira.** In: KON, Noemi Moritz; ABUD, Cristiane Curi; SILVA, Maria Lúcia da. (orgs.) **O racismo e o negro no Brasil: questões para a psicanálise.** São Paulo: Perspectiva, 2017
- MUSATTI-BRAGA, A. P.; ROSA, M. D. "Escutando os subterrâneos da cultura: racismo e suspeição em uma comunidade escolar". *Psicologia em Estudo*, vol. 23, 2018
- NOGUEIRA, Fábio. **Governo Temer como restauração colonialista. Le Monde Diplomatique Brasil**, Rio de Janeiro, p. 4-5, 9 jan. 2017
- PEREIRA, Amilcar Araújo. **A Lei 10.639/03 e o movimento negro: aspectos da luta pela "reavaliação do papel do negro na história do Brasil".** *Cadernos de História*, Belo Horizonte, v.12, n. 17, 2º sem. 2011
- PRECIOSO, Adriana Lins; FARIA, Helenice Joviano Roque de. **Literatura negra produzida em Mato Grosso e a educação literária: caminhos para a representatividade.** *Eventos Pedagógicos*, [S. I.], v. 14, n. 2, p. 345–358, 2023.
- PRONI, M. W.; GOMES, D. C. **Precariedade ocupacional: uma questão de gênero e raça.** *Estudos Avançados*, v. 29, n. 85, 2015.
- RABELO, Miriam. **A Religião como prática.** *Cultura y religión*, v. 16, n. 1, p. 236-263, 2022.
- Reinaldo José de Oliveira y Regina Marques de Souza Oliveira, « **Origens da segregação racial no Brasil** », *Amérique Latine Histoire et Mémoire. Les Cahiers ALHIM* [En línea], 29 | 2015, publicado em 18 junio 2015
- RIBEIRO, Djamilia. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte (MG): Letramento, 2017.
- RIBEIRO, Lúcia; ARAÚJO, Mariana. **Segregação ocupacional no mercado de trabalho segundo cor e nível de escolaridade no Brasil contemporâneo.** *Revista Brasileira de Sociologia do Trabalho*, v. 26, n. 1, p. 147-177, 2016.
- RODRIGUES, Lucas de Oliveira. **"Raça e etnia".** Brasil Escola. Disponível em: <http://brasilescola.uol.com.br/sociologia/raca-etnia.htm>. Acesso em: 29 jan. 2025.
- SANTOS PAIMI, Altair; PEREIRA II, Marcos Emanoel. **Aparência física, estereótipos e discriminação racial.** *Ciência & Cognition*, [S. I.], v. 16, n. 1, p. 002-018, 2011. ISSN 1806-5821.
- SANTOS, Elisabete Figueroa dos; DIOGO, Maria Fernanda; SHUCMAN, Lia Vainer. **Entre o não lugar e o protagonismo: articulações teóricas entre trabalho, gênero e raça.** *Cadernos de Psicologia Social do Trabalho*, v. 17, n. 1, p. 17-32, 2014.

SILVA, Mário Augusto Medeiros da. **Fazer História, Fazer Sentido: Associação Cultural do Negro (1954-1964)**. Lua Nova [online]. 2012, n.85, pp. 227-273

SILVA, Max Laureano. **Movimento negro na época de chumbo da ditadura militar**. Agência de Notícias Alternativas, 12 dez. 2013.

SILVA, Valdenice Portela. **"A discriminação da mulher negra no setor industrial sergipano entre 2007 e 2014: uma análise dos impactos da norma de responsabilidade social empresarial."** Ano: 2017 Trabalho de conclusão de curso CIÊNCIAS HUMANAS Programa de Pós-Graduação em Psicologia - PPGPSI – Repositório Institucional da Universidade Federal de Sergipe - RI/UFS

TRIVINOS, Augusto N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**. São Paulo: Atlas, 1987.WALVIN, James. Uma história da Escravatura. Tradução de Jorge Palinhos. Lisboa: Editora Tinta da China, 2008

WOLKMER, Antônio Carlos. **Para uma sociologia jurídica no Brasil: desde uma perspectiva crítica e descolonial**. Revista Brasileira de Sociologia do Direito, v. 4, n. 3, set./dez. 2017